



ENTRE XAMÃS E VIDEASTAS: ARTE E MAGIA NA PRODUÇÃO VIDEOGRÁFICA Vandimar Marques Damas¹

Com o objetivo de trabalhar o uso da linguagem audiovisual entre os povos indígenas, desenvolvi um trabalho de forma prática e reflexiva através de oficinas de produção de vídeo oferecidas aos alunos e alunas da Licenciatura Intercultural da UFG durante os anos de 2009, 2010 e 2011. Levei para o campo duas câmeras filmadoras, três câmeras fotográficas e a partir dessa experiência foi produzida uma dissertação e um vídeo de 20 minutos.

A licenciatura intercultural da UFG é um curso destinado à formação superior de professores e professoras indígenas que já atuam em suas aldeias como tais. O curso iniciou-se no ano de 2007 e atualmente conta com mais de 190 estudantes pertencentes a doze povos, Tapirapé, Karajá, Javaé, Krahô, Xerente, Apinajé, Gavião, Krikati, Guarani, Guajajara, Canela e Tapuia.

Apresento neste texto, que é parte da minha dissertação, a seguinte idéia, o vídeo é uma tecnologia caracterizada pela capacidade de fazer conexões com diversos aspectos do xamanismo. O videasta e o xamã são como dois artistas *bricoleurs*, eles reúnem pedaços recolhidos, nos quais formam gestos, imagens, rostos, a intensidade das palavras e das idéias e formam uma narrativa. O vídeo e o xamã viajam em outro tempo, um tempo que não carece de uma estrada.

¹ Mestre em Cultura Visual pela FAV/ UFG.
E-mail: <vandimarmarques@hotmail.com>.

Observo que existe uma linha de força entre o vídeo e a corporalidade xamanica, pois, de acordo com as minhas observações e reflexões, para os indígenas o vídeo pode ser simbolicamente um ato de xamanismo. Eis como se dá essa relação.

Como afirma Manuela Carneiro (1998), o xamã é um ser múltiplo, pois ele consegue reunir em si vários pontos de vista. Assim ele pode ver o mundo de diferentes modos, o que indica a sua constituição e localização. Os xamãs têm a experiência de viajar num plano mais abstrato ou puramente espiritual e, por transitar por diversos mundos e ter a capacidade de traduzir ou de narrar o que ouviu ou viu, o xamã é uma agência indígena que serve como elo de comunicação entre humanos e não-humanos; entre humanos, ele serve como organizador do caos. No entanto, ser xamã implica na necessidade de estar em constante alerta, para proteger os moradores da aldeia da iminência de qualquer doença ou da morte que chega à aldeia.

Embora no mundo dos mortos não exista afinidade nem dádiva, ou seja, não existem reciprocidades, o xamã é o único que tem uma afinidade com os mortos, pois, como foi afirmado anteriormente, ele não é sujeito uno, mas a sua alma possui a possibilidade de se despregar do seu corpo. Ele pode estar entre os humanos, entre os mortos, entre os deuses, só ele, somente ele tem a capacidade de unificar esses três níveis cosmológicos (VIVEIROS DE CASTRO, 2004).

Ao dialogar com os animais, o xamã exerce o papel de interlocutor ativo num diálogo transespecífico, pois ele conversa com os espíritos e depois retorna para o mundo dos humanos para narrar a história de forma que os leigos possam entender. Ele transpõe os limites da experiência humana, fazendo uma espécie de intercâmbio de perspectivas.

Estabelece-se entre xamanismo e vídeo etnográfico uma relação de afinidade. O ponto de partida do seu pensamento é a experiência intelectual advinda de diversas viagens para outros contextos geográficos ou cosmológicos.

Tudo isso nos leva a concepção de que o movimento de agir do xamã é tomado a partir da arte das multiplicidades que difere de dirigir e hierarquizar. O xamã pode assumir qualquer forma, bastando apenas entrar na floresta e tirar a roupa de humano ou de jaguar para se transformar em tucano, ou ir para o mundo dos mortos; portanto, nunca é demais lembrar que xamanismo não é que aquilo que se tem, mas aquilo que se é (VIVEIROS DE CASTRO, 2004).

Carneiro (1998) define o xamã como um tradutor que tem a difícil missão traduzir um conceito de uma língua com o mesmo significado para outra. A tradução é uma interpretação ou traição. Tradução também é alteridade, pois o tradutor tem que sair

de sua língua e ir para outra bem diferente e depois voltar para a sua novamente. Tradução significa diferença. Pode-se dizer que o xamã é também um narrador, pois segundo Benjamin (1985), aqueles que viajam trazem novas mercadorias e novas histórias.

O xamã também é um narrador porque, ao sair deste mundo e ir para outro, ele traz uma mensagem, faz uma narração e, ao mesmo tempo, uma tradução do que ele viu e ouviu, descrevendo também o encontro com os espíritos ou com os animais. Ele traz uma nova mensagem ou uma nova narrativa. O narrador, para Benjamin (1985), é um sujeito distante e por mais que ele nos seja familiar, ele não está presente entre nós, está sempre pronto para partir. Assim, para Benjamin (1985, p. 196), “a arte de narrar está em vias de extinção. É cada vez mais difícil as pessoas que sabem narrar devidamente”; nesse sentido, o vídeo e o xamã nos trazem uma narrativa, a oposição entre sonho e realidade, verdade e ficção. Consequentemente, o xamanismo e o vídeo se inserem num mundo onde tudo são palavras e imagens.

O xamã narra o que viu durante a viagem, ou melhor, ele torna visível e compreensível as imagens que viu nos sonhos e nas viagens realizadas a outros mundos cosmológicos. Todas as narrativas orais e visuais estão submetidas à autoridade do narrador. No caso das sociedades indígenas, o xamã cumpre essa função e agora também o videasta indígena. Se o xamã nos apresenta o que viu e ouviu em suas viagens a lugares distantes, através de uma narrativa oral, a câmera e a televisão também nos apresentam o que viram e ouviram em suas viagens a lugares distantes.

Assim como a televisão e a câmera, o xamã também é uma espécie de veículo de imagens. Em outras palavras, ambos projetam ou refletem imagens míticas de lugares

distantes e das imagens que se vêem nos sonhos. O xamanismo e a câmera compõem um complexo jogo de imagens, onde quem fala é sempre o outro. A câmera e a televisão apenas fazem a tradução e a interpretação do que é dito. De outro modo, tudo no xamanismo se dá através de viagens e imagens.

O xamanismo tem uma relação íntima com as imagens, pois só é xamã quem tem a capacidade de sonhar (KOPENAWA 2004). O xamã é aquele que sonha, e como dizem os Ikpeng, “todo aquele que sonha tem um pouquinho de xamã” (RODGERS, apud VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p. 04). “O xamanismo está carregado de conceitos visuais” (VIVEIROS DE CASTRO 2004, p. 7), isto é, o xamã tem uma relação íntima com as imagens, sendo que o xamanismo seria impossível sem a imagem. No xamanismo a imagem, o corpo e oralidade são dimensões fundamentais. É o corpo que define a perspectiva que o xamã ocupa na relação.

O xamã e o vídeo são agentes da imagem. O complexo de imagens das artes gráficas produzidas pelos índios, seja tanto pela pintura quanto pelo vídeo, são meios de se estabelecer relações de comunicação com outros seres, como, por exemplo, os animais, as plantas, os mortos e os deuses. O filme *Espirito da TV* (Direção de Vincent Carelli, 1990) nos mostra um Waiãpi que ao assistir um ritual mágico de um outro povo correu para frente da televisão e disse “Eles os [espíritos] não vão passar daqui, vieram pela TV, mas não vão passar”. Essa atitude nos sugere uma poética particular que nos abre vista para a seguinte interpretação, a televisão contém a capacidade de armazenar os espíritos de outros seres, já que as imagens que aparecem na tela são um claro indício, para aquele índio, de que os espíritos estão dentro dela e podem sair a qualquer momento.

O videasta é um demiurgo, uma vez que no seu discurso sobre o mito apresenta um aspecto relevante sobre os seres que participam da narrativa; por sua vez, a câmera e a televisão são uma “tecnologia metamórfica dotada de agências” (MACEDO 2009). Grande parte dos povos passou a encenar seus mitos diante dessa tecnologia, pois ela tornou-se um instrumento demiúrgico dotado de agências que podem transportar-se para outros espaços e tempos cosmológicos. Este é o mesmo poder que o xamã possui. Ou seja, a câmera é chamada para narrar algo que só o xamã era capaz de fazer. Assim, através de um registro da luz que penetra pelas lentes da câmera, o vídeo nos convida para presenciar uma nova forma de xamanismo. Macedo (2009) estabelece uma relação entre escrita e xamanismo dizendo que a “escrita, como o grafismo em sua ‘condensação visual’, presentificaria, identificaria e metamorfosearia os múltiplos seres, facilitando a comunicação entre eles” (MACEDO, 2009.p 550). Por analogia, o vídeo insere-se na mesma relação de xamanismo que a escrita e o grafismo, uma vez que ele também pode narrar o mito inserido em uma nova paisagem e novos significados.

Nesse quadro referencial, as imagens de mitos e rituais xamânicos expressariam, desta forma, uma realidade relativa a um período de domínios que se referem às narrativas míticas. A tecnologia dominada pelos brancos tornou-se um elemento fundamental de criação para os povos indígenas, uma vez que ele permite que aquilo que estava apenas no domínio do mundo imaginário da oralidade passe para mundo visual da oralidade. Assim, eu denomino essa relação de xamanismo imagético.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas, I*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p 4 a 29.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Pontos de vista sobre a Floresta Amazônica: Xamanismo e tradução”, *Mana*, 4, 1, 1998, p, 7-22.
- KOPENAWA, D.Y. “Xapiripë”. In *Yanomami, o espírito da floresta*. Org. B. Albert & D. Kopenawa. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil / Fondation Cartier, 2004.
- MACEDO, Silvia Lopes da Silva. “Xamanizando a escrita: aspectos comunicativos da escrita ameríndia”. In. *Mana*. 2009, vol. 15, n.2, pp. 509-528.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Inconstância da Alma Selvagem*. Cosac Naify, São Paulo, 2004.